

Relação gramatical objeto direto: a interface entre sintaxe, semântica e pragmática

letrônica

Nedja Lima de Lucena¹

1 Introdução

Este artigo² focaliza a relação gramatical objeto direto (OD), com o intuito de examinar como esse elemento se manifesta no uso da língua em diferentes domínios linguísticos: sintático, semântico e pragmático. Em particular, volto o meu olhar para a codificação morfológica, o papel temático e o *status* informacional do OD em dados reais de fala e de escrita. São investigados objetos expressos por um sintagma nominal (SN) lexical ou SN pronominal relacionados a quatro diferentes tipos semânticos de verbos, classificados por Chafe (1979) e Borba (1996; 2002), a saber: ação, processo, ação-processo e estado.

A investigação desse tipo de objeto visou observar, a partir de dados reais da língua em uso, os atributos do objeto direto prototípico. Além disso, tentou investigar as restrições de estrutura argumental formuladas por Du Bois (2003), a qual diz que as orações tendem a se restringir à presença de um SN lexical que ocupa, preferencialmente, a posição de objeto. Por sua vez, de um ponto de vista pragmático, as orações apresentam apenas um termo portador de informação nova, o qual tende a ocorrer na posição de objeto. Essas restrições não são categóricas, ou seja, são variáveis no uso espontâneo da língua.

O quadro teórico que norteia a pesquisa é a Linguística Funcional, na sua vertente norte-americana e brasileira, inspirada em Givón (1995; 2001), Hopper e Thompson (1980), Chafe (1979), Furtado da Cunha, Oliveira, Martelotta (2003), entre outros. Segundo essa

¹ Mestre em Linguística Aplicada. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. LUCENA, N. L. *A relação gramatical objeto direto: implicações para o ensino de língua materna*. 2010. 145fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

²O presente trabalho foi orientado pela Dra. Maria Angélica Furtado da Cunha e teve apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

abordagem teórica, a língua é um instrumento de comunicação flexível, plástico, maleável, isto é, a língua é viva e serve aos fins comunicativos dos falantes engajados em situações de interação. Da língua em uso, os padrões linguísticos e gramaticais emergem, se moldam e se regularizam, cristalizando-se na gramática. Sob essa perspectiva, a estrutura gramatical está correlacionada a sua função comunicativo-pragmática. Desse modo, os domínios da sintaxe, semântica e pragmática estão imbricados uns nos outros, e, portanto, as análises linguísticas devem estar baseadas em dados empíricos, advindos de contextos sociocomunicativos.

O material de análise foi coletado do *Corpus Discurso & Gramática*: a língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998). Foram selecionados 40 textos, distribuídos em cinco tipos distintos (narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião), produzidos por informantes do último período universitário. A amostra contém 64.715 palavras, sendo que 55.862 correspondem à modalidade oral e 8.853 à modalidade escrita. Desse montante, foram coletadas 1.119 orações sintaticamente transitivas, formadas por Sujeito – Verbo – Objeto, 880 advindas da modalidade falada e 239 da modalidade escrita.

2 Transitividade

2.1 A abordagem tradicional

A transitividade (do latim *transitivus* = o que vai além, o que se transmite) é tratada nas gramáticas tradicionais como similar à regência verbal e à valência verbal. De um modo geral, esses conceitos se referem “à maneira como um verbo se relaciona com os SN numa mesma oração” (TRASK, 2008, p. 298).

Nessa perspectiva, a transitividade é, pois, compreendida como uma propriedade relativamente inerente ao verbo. São transitivos os verbos que exigem termos que lhes completem o sentido, enquanto nos verbos intransitivos, “a ação não vai além do verbo” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 147). Isso significa que a classificação de um verbo como transitivo ou intransitivo depende da presença/ausência de um Sintagma Nominal/Sintagma Preposicional codificado como objeto: são transitivos os verbos acompanhados de complemento; são intransitivos aqueles verbos que não apresentam objeto. Entretanto, alguns gramáticos tradicionais concordam que a fronteira entre verbos transitivos e intransitivos não é bem delimitada, uma vez que verbos como “comer” e “beber” podem se comportar ora transitivamente, como em “comer carne”, “beber vinho”, ora intransitivamente, como em “o doente não come nem bebe” (SAID ALI, 1971, p. 165).

Arelado ao fenômeno da transitividade, as gramáticas tradicionais classificam o OD como “o complemento de um verbo transitivo direto, ou seja, o complemento que normalmente vem ligado ao verbo sem preposição e indica o ser para o qual se dirige a ação verbal” (CUNHA; CINTRA, 1985, p.151). Desse ponto de vista, o OD é definido por um critério sintático (ligado ao verbo sem o auxílio de preposição) e um semântico (o ser para o qual se dirige a ação verbal).

Said Ali (1971) mostra que “muitos verbos requerem o acréscimo de um termo que lhes complete o sentido” (p. 164). Assim, o OD é apresentado como um “termo integrante”, pois sua função é integrar o sentido do verbo transitivo. Esse autor explica que, quanto ao papel temático³ do OD, este pode ser a pessoa ou coisa que recebe a ação (“Antônio feriu **a Pedro**”), o produto dela (“A terra produz **trigo**”) ou o ponto para onde se dirige um sentimento (“Otelo ama **a Iago**, e Iago odeia **a Otelo**”).

De modo geral, as gramáticas apontam apenas critérios sintático-semânticos para a caracterização da transitividade, e por consequência, da categoria OD, o que se confirma como um problema na investigação desses fenômenos: a transitividade não é uma propriedade intrínseca de um verbo específico, mas fator variável e dependente do contexto discursivo. O OD pode desempenhar papéis temáticos diferentes, ou seja, nem sempre esse elemento é paciente da ação verbal. Além disso, as análises não levam em conta o contexto discursivo em que poderiam ocorrer as orações, uma vez que estas constituem exemplos artificiais.

2.1 A proposta funcionalista

A linguística contemporânea tem oferecido um abrangente número de pesquisas voltadas para análise de fenômenos relacionados à transitividade, como os trabalhos oriundos da Costa Oeste dos Estados Unidos: Hopper e Thompson (1980); Givón (2001); Thompson e Hopper (2001), e das pesquisas brasileiras: Neves (1997); Furtado da Cunha (2006) Furtado da Cunha e Souza (2007), dentre outros.

De um modo geral, esses estudos compartilham a ideia de que a transitividade se manifesta a partir de fatores sintático-semânticos e discursivo-pragmáticos que são simbioticamente dependentes.

³ Embora o autor utilize o termo “papéis temáticos” na obra consultada (cf. SAID ALI, 1971), não há uma definição clara desse termo. A noção de papéis temáticos foi primeiramente introduzida por Fillmore (1968), adotando a nomenclatura de “casos semânticos”. Há diversas denominações para designar os papéis temáticos, como “papéis semânticos, papéis participantes”, entre outros (CANÇADO, 2005). A noção de papéis temáticos será retomada adiante (cf. item 4).

Thompson e Hopper (2001), evocando o trabalho anterior (HOPPER; THOMPSON, 1980), explicam que a transitividade não é uma propriedade inerente ao verbo, mas uma propriedade escalar da oração como um todo. Apenas na oração é possível observar as relações entre o verbo e seus argumentos, isto é, a gramática da oração. Esses autores tomam oração transitiva a partir da observação de dez parâmetros distintos⁴ que determinam gradualmente se a oração é mais ou menos transitiva.

Sob a ótica de Slobin (1982) e Givón (2001), a oração transitiva apresenta, no mínimo, dois participantes: um agente e um paciente. O primeiro, codificado sintaticamente como sujeito, é o responsável pela ação; o segundo, codificado sintaticamente como objeto direto, é o paciente da ação verbal. Essa configuração caracteriza o protótipo de um evento transitivo, no qual um agente age para causar uma mudança de estado ou de condição num paciente.

O modo como um verbo se configura depende de fatores discursivos – componente pragmático –, ou seja, o modo como o falante interpreta e comunica o evento. Isso pode ser mostrado na escolha entre uma oração ativa ou passiva: a perspectiva do evento pode ser comunicada a partir do ponto de vista do agente (voz ativa), como em “O menino quebrou a vidraça”; ou do ponto de vista do paciente (voz passiva), como em “A vidraça foi quebrada pelo menino” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007).

Givón (2001) afirma que três parâmetros definem o evento transitivo prototípico: a) “agentividade” – ter um agente intencional ativo; b) “afetamento” – ter um paciente concreto afetado; e c) “perfectividade” – envolver um evento concluído, pontual, como mostram os exemplos *They demolished the house* e *She sliced the salami*. Em ambos os exemplos, há um agente intencional (*they / she*) que afeta uma entidade paciente (*the house / the salami*), além disso, os verbos são perfectivos, pois denotam um evento já concluído. Todavia, Givón ressalta que os traços semânticos – agentividade, afetamento e perfectividade – são graduais, uma vez que o afetamento do objeto pode ocorrer de maneira parcial ou total. Segundo Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2003, p. 38-39):

a universalidade do complexo da transitividade parece residir no fato de que os parâmetros que o compõem estão relacionados ao evento causal prototípico, que é definido como um evento em que um agente animado intencionalmente causa uma mudança física e perceptível de estado ou locação em um objeto. Há, portanto uma correlação entre os traços que caracterizam o evento causal prototípico e os parâmetros que identificam a oração transitiva canônica. Desse modo, por refletirem elementos cognitivamente salientes, ligados ao modo pelo qual a experiência

⁴ Participantes; cineses; aspecto do verbo; pontualidade do verbo; intencionalidade do sujeito; polaridade da oração, modalidade da oração; agentividade do sujeito; afetamento do objeto e individuação do objeto.

humana é aprendida, os parâmetros da transitividade assinalam elementos salientes no discurso.

Como mostrado até aqui, o funcionalismo oferece uma alternativa para o tratamento da transitividade, considerando aspectos semântico-sintáticos, influenciados pela pragmática da comunicação. Ao conceber a transitividade como um contínuo, esse quadro teórico corrobora o caráter maleável da língua, como também as pressões oriundas do seu uso.

3 Tipos semânticos de verbos

O verbo é o elemento central da oração. Sua natureza delimita como será o restante da oração, ou seja, que nomes, ou argumentos, estarão presentes e que papéis sintáticos e temáticos desempenharão (CHAFE 1979; FILLMORE 1977).

De acordo com Chafe (1979) e Borba (1996; 2002), os verbos podem ser agrupados a partir do seu conteúdo semântico. Nessa perspectiva, os verbos são classificados em quatro tipos distintos: ação, processo, ação-processo e estado.

Os verbos de **ação** se caracterizam por expressar uma atividade – física ou não – realizada por um sujeito agente e/ou controlador. Eles “indicam, portanto, um fazer por parte do sujeito” (BORBA, 1996, p. 58), como mostram os casos em “A viúva **chorava** lágrimas de sangue” e “**Vou** a Santos”⁵. O verbo de ação também pode designar uma atividade mental, como um sentir ou perceber. Nesse caso, o sujeito é um experienciador, como em “Marta **ouve** música”. Neste trabalho, quando o verbo de ação expressa uma atividade física é chamado de (tipo 1), quando designa uma atividade mental é chamado de (tipo 2).

Conforme Borba, **processo** é o tipo semântico do verbo que se caracteriza por expressar um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente (p. 58). Esse tipo de verbo exprime um acontecer, como descreve o exemplo “Rosa **ganhou** uma rosa”.

O tipo semântico **ação-processo** conjuga características do verbo de ação e do de processo, isto é, o verbo de ação-processo corresponde a verbos que “expressam uma mudança de estado ou de condição levada a efeito por um sujeito agente”, (BORBA, 2002, p. vii). O trabalho de Borba (1996, p. 59) mostra que essa mudança pode ser parcial ou total no estado ou condição do paciente (como em “José **quebrou** o pires” e “A costureira **estragou** o pano”, respectivamente), um deslocamento (“**Pus** o livro na gaveta”) ou ainda algo que passa a existir (“Diana **tricotou** uma blusa”).

⁵ Ressalto que esse tipo de estrutura formada por “verbo + Sintagma preposicional” não é foco deste trabalho e está citado aqui para efeito de ilustração.

Os verbos de **estado** correspondem a predicados em que não há uma atividade expressa, e sim a expressão de uma propriedade (estado, condição, situação), e cujo “sujeito é mero suporte de propriedades” (BORBA, 1996, p. 60), como em “Fernando **tem** três filhos”.

Na distinção de Borba e Chafe, o papel temático do segundo argumento, que corresponde ao OD, não é mencionado quando os verbos são de ação, processo e estado.

Os dados a seguir mostram a frequência dos tipos semânticos de verbos no *corpus* sob consulta:

Tab.1 – Tipos semânticos de verbos

| Tipo semântico de verbo | Fala | Escrita | Total |
|-------------------------|--------------|--------------|--------------|
| Ação-processo | 493 (56%) | 116 (48, 5%) | 609 (54, 4%) |
| Ação (tipo 1) | 110 (12,5%) | 50 (21%) | 160 (14, 2%) |
| Estado | 108 (12, 1%) | 23 (9, 6%) | 131 (11, 8%) |
| Processo | 96 (10, 9%) | 29 (12, 2%) | 125 (11, 2%) |
| Ação (tipo 2) | 73 (8,3%) | 21 (8,8%) | 94 (8,4%) |
| Total | 880 (100%) | 239 (100%) | 1.119 (100%) |

Como disposto na Tab.1, foram coletadas 493 (56%) ocorrências do verbo de ação-processo na modalidade falada e 116 (48,5%) na escrita. O verbo de ação-processo está intimamente relacionado ao evento transitivo prototípico (cf. SLOBIN, 1982; GIVÓN, 2001), como em (1):

(1) “o professor me chamou pra fazer uma limpeza geral no laboratório ... chegando lá ... ele me fez uma experiência ... ele me mostrou uma coisa bem interessante que ... **pegou um béquer com meio d’água** e colocou um pouquinho de cloreto de sódio pastoso ... então foi aquele fogaréu desfilando” (*Corpus D&G*, Fala, p. 50).

Em (1), “pegar”, cuja natureza é dinâmica, implica a ação de um sujeito agente (“o professor”) que provoca intencionalmente uma mudança de localização do objeto paciente (“um béquer”); logo, esse objeto sofre afetamento pela ação verbal, o que é um dos atributos do protótipo de transitividade.

O segundo tipo semântico de verbo mais frequente foi o de ação (tipo 1). Esse verbo corresponde a uma ação física de um sujeito agente, a qual não afeta um objeto paciente (2). O verbo de ação (tipo 1) teve 110 (12,5%) ocorrências na modalidade falada e 50 (21%) registradas na escrita.

(2) Mais à frente conseguimos localizar um lugar fantástico. Fica a uns cem metros da pista. Deixamos o carro e **subimos uma duna**, com vegetação, até o seu topo (*Corpus D&G, Escrita, p. 169*).

O dado em (2) mostra uma ocorrência com o verbo de ação (tipo 1) “subir” cujo objeto, “uma duna”, parece estar mais relacionado ao ponto para onde se dirige a ação de subir, do que à entidade afetada ou efetuada pela ação verbal.

Outro tipo semântico verbal com alta frequência registrada é o verbo de estado (3). Esse verbo designa uma condição ou propriedade do sujeito. Sua ocorrência corresponde ao terceiro lugar, em termos de frequência, em dados advindos da modalidade falada, num total de 108 (12,1%); na modalidade escrita, esse verbo toma o quarto lugar com 23 (9,6%) das ocorrências:

(3) era um sonho ... e eles quando pegavam um dinheiro era a primeira coisa que ela dizia “**eu quero uma cama**” ... e ele ... “deixa de besteira” ... num sei quê (*Corpus D&G, Fala, p. 78*).

A frequência de verbos de estado em todos os tipos textuais pode estar relacionada ao fato de que esse tipo de verbo tem caráter descritivo e, muitas vezes, serve como pano de fundo para a descrição de detalhes nos eventos, como no caso das narrativas e relatos.

Os verbos do tipo semântico processo ocorreram em frequência menor em relação aos demais. Na fala, esse verbo teve 96 (10,9%) ocorrências, enquanto na escrita foram registradas 29 (12,2%) ocorrências desse tipo verbal. O verbo de processo se afasta dos verbos de ação por estar relacionado a eventos mais durativos, nos quais o sujeito não é um agente, mas um paciente. Também se afasta do verbo de estado, que é estático no tempo. O dado a seguir (4) corresponde a uma ocorrência do tipo semântico de processo:

(4) essas pedras lá que tinham ... desenterrando lá é que a/ acabava com a maldição né ... aí **eles** passaram um bocado de tempo lá **recebendo esse menino** ... todo dia recebia ... e de vez em quando o menino era ... era agressivo também né (*Corpus D&G, Fala, p. 31*).

No caso em (4), o verbo “receber”, nesse contexto linguístico, implica um acontecimento cujo sujeito não desencadeia o evento, mas é o beneficiário dele. Esse caso codifica, pois, um processo. De um modo geral, o OD não é previsto na moldura semântica do

verbo de processo, entretanto (4) mostra a ocorrência dessa relação gramatical: o OD (“esse menino”) não é afetado pelo acontecimento de receber.

O verbo de ação (tipo 2) teve a menor frequência no *corpus*: 73 (8,3%) ocorrências na fala e 21(8,8%) na escrita. Esse verbo (5) se caracteriza por representar ações mentais, que em geral não exigem um sujeito intencional e controlador, como em “sentir”, “entender”, “ver”, entre outros. Esse tipo verbal está ligado aos papéis temáticos de experienciador e estímulo⁶ para os participantes codificados como sujeito e OD, respectivamente, como será discutido a seguir.

(5) era uma tarde linda e ainda tinha uma réstia de sol sobre as galhadas secas ... Marcos **eu vi um pássaro** ... um pássaro ... amarelo com marrom e branco com uma crista assim sobre a cabeça ... um cocar assim de penas ... rapaz que pássaro lindo (*Corpus D&G, Fala, p. 124*).

A amostra em (5) mostra que o verbo, “ver”, não implica intencionalidade do sujeito. No caso do OD, é possível observar que ele não é afetado ou efetuado pela ação e se distancia do protótipo de transitividade, codificado pelo verbo de ação-processo.

Como mostrado até aqui, os dados revelam a influência do tipo semântico de verbo na escolha dos argumentos e seus papéis temáticos na estrutura argumental. Também podemos observar que a transitividade pode ser compreendida em termos de gradualidade na medida em que há orações mais ou menos transitivas, conforme a linguística funcional postula.

4 A relação gramatical OD

Da mesma maneira que papéis temáticos e pragmáticos são descritos para os SN de várias línguas, existem relações sintáticas que se manifestam entre um predicado e seus SN, conhecidas como relações gramaticais (COMRIE, 1989).

Givón (2001) esclarece que, para cada papel temático previsto no estado ou evento descrito pelo verbo, os participantes também assumem papéis gramaticais (relações gramaticais) característicos na oração. Os mais comuns universalmente são: sujeito, objeto direto e objeto indireto. Desses, sujeito e objeto direto são mais claramente centrais e mostram mais consequências gramaticais na maioria das línguas. Givón explica, ainda, que um agente só pode ser sujeito; um paciente só pode ser sujeito ou objeto direto; um dativo pode ser sujeito, objeto direto ou objeto indireto.

⁶ Ao tratar dos papéis temáticos no inglês, Dixon (1992) utiliza o termo “estímulo” (*stimulus*) para se referir as entidades que desencadeiam um sentir (*like, love, hate, prefer, fear, admire, want, enjoy, etc.*).

Furtado da Cunha (2006) mostra que a tendência das línguas em codificar essas três relações gramaticais

reflete as limitações cognitivas dos humanos em rastrear os papéis dos participantes em uma dada situação e/ou o número de papéis de participantes necessários para expressar os tipos de mensagens (ou proposições) que os humanos normalmente expressam. Em outras palavras, há duas, possivelmente três, categorias necessárias para manter os papéis dos participantes distintos na interação humana normal sem sobrecarregar a mente (p. 121).

No *corpus* sob consulta, coletaram-se os objetos diretos cuja codificação gramatical fosse um SN lexical ou um SN pronominal (Tab.2). Essa codificação está intimamente relacionada ao exame do *status* informacional desse elemento como se observará adiante.

Tab.2 – Codificação morfológica do OD

| Codificação morfológica do OD | Fala | Escrita | Total |
|--------------------------------------|-------------|----------------|--------------|
| SN lexical | 801 (91%) | 223 (97,4%) | 1024 (91,5%) |
| SN pronominal | 79 (9%) | 16 (2, 6%) | 95 (8, 5%) |
| Total | 880 (100%) | 239 (100%) | 1.119 (100%) |

Os dados mostram que a frequência de objetos diretos codificados como SN lexical (91,5%) é muito superior à frequência daqueles codificados como SN pronominal (8,5%). Essa tendência pode ser explicada em termos das restrições de estrutura argumental (cf. DU BOIS, 2003) e dos princípios de iconicidade e marcação. As amostras (6) e (7) apresentam casos de OD codificado como SN lexical e SN pronominal, respectivamente:

(6) a minha amiga Tâmara ... ela tinha um irmão que era taifeiro da marinha ... e cozinhava muito bem ... então ela chegou lá e disse ... “aí ... hoje ... **meu irmão fez um bolo de batata** muito gostoso e a gente vai lanchar lá ... lá em casa” (*Corpus D&G, Fala, p.52*).

(7) ... no último momento eu ... eu dei uma borrada que ... é ... comprometeu a cor da ... do céu né? e eu tive que refazer todo o céu novamente ... por ... por conta dessa borrada ... tive que **refazê-lo** todinho ... (*Corpus, D&G, Fala, p. 130*).

A iconicidade diz respeito à correlação entre forma e função e se manifesta na atuação de três subprincípios⁷. Dentre eles, o subprincípio da quantidade sugere que quanto

⁷ Subprincípio da quantidade, subprincípio da integração e subprincípio da ordenação sequencial (cf. FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003; GIVÓN, 2001).

maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma. Aplicando esse princípio aos dados, observa-se que no caso de (6), o elemento (“um bolo de batata”) é uma informação nova e, portanto, não esperada, demandando maior quantidade de conteúdo e, conseqüentemente, material gramatical. Na amostra em análise, o SN é composto de determinante (“um”), nome (“bolo”) e modificador (“de batata”); em outros casos, o OD expresso por SN lexical apresenta ao menos um morfema a mais do que o pronominal, como o artigo, por exemplo. Por outro lado, o referente do OD em (7) é recuperável do contexto linguístico anterior (o pronome *-lo* que recupera anaforicamente “céu”) e sua codificação é menos complexa do ponto de vista gramatical – um pronome.

O registro da alta frequência de objetos codificados por SN lexical mostra que, em termos discursivo-pragmáticos, o usuário da língua tende a utilizar essa codificação como mecanismo primeiro. Nesse sentido, é possível dizer que os objetos diretos codificados por SN lexicais são menos marcados, por serem mais frequentes, em relação àqueles cuja codificação é feita através de pronome (mais marcado). Do ponto de vista do processamento da informação, o custo cognitivo resultante da utilização de um pronome anafórico é menor, uma vez que o interlocutor precisa rastrear o referente que o pronome retoma.

No domínio da semântica, os papéis temáticos representam “a relação do evento com a estrutura conceitual mental, e da estrutura conceitual mental com a sintaxe” (CANÇADO, 2005, p. 111), isto é, o modo como o falante conceptualiza a participação das entidades envolvidas nos eventos determina o modo como eles serão expressos na oração. Em outras palavras, ao se relacionar com seus argumentos, o verbo atribui-lhes funções, que correspondem aos papéis temáticos desempenhados pelos participantes da ação denotada pelo verbo.

Devido à grande multiplicidade na classificação dos papéis temáticos, neste trabalho, foram adotados os termos **paciente**, **tema A**, **tema B**, **estativo** e **estímulo** para designar os papéis temáticos desempenhados pelo OD.

A distribuição da frequência desses papéis no *corpus* está disposta a seguir:

Tab. 3 – Distribuição dos papéis temáticos do OD

| Papel temático do OD | Fala | Escrita | Total |
|-----------------------------|--------------|----------------|--------------|
| Paciente | 493 (56%) | 116 (48, 5%) | 609 (54, 4%) |
| Tema (a) | 110 (12,5%) | 50 (21%) | 160 (14, 2%) |
| Estativo | 108 (12, 1%) | 23 (9, 6%) | 131 (11, 8%) |
| Tema (b) | 96 (10, 9%) | 29 (12, 2%) | 125 (11, 2%) |
| Estímulo | 73 (8,3%) | 21 (8,8%) | 94 (8,4%) |
| Total | 880 (100%) | 239 (100%) | 1.119 (100%) |

O papel paciente (SLOBIN, 1982; FURTADO DA CUNHA; SOUZA 2007) refere-se ao participante, animado ou inanimado, que registra uma mudança de estado ou posição como resultado de um evento. O paciente está relacionado ao verbo de ação-processo e pode designar uma entidade afetada (ou efetuada) pela ação verbal (8) e (9):

(8) aí esse homem começou a procurar comida ... e encontrou um rio que só era lama ... ele teve coragem de tomar essa ... essa lama ... e **tomou aquela água velha** ... aquela água horrível (*Corpus D&G, Fala, p. 77*).

(9) Quando estavam conversando, brincando, distraídos o menino saio de perto deles e foi brincar perto da estrada, o velho viu e chamou o menino, o pai e a mãe também, mas foi tarde demais o menino foi atravessar a rua e **um caminhão o atropelou** (*Corpus D&G, Escrita, p. 46*).

Nos dados mostrados acima, ambos os objetos diretos (“aquela água velha” e “o”) desempenham o papel de paciente. O primeiro caso, (8), revela uma mudança física, isto é, de localização, sofrida pela água, que é transferida do rio para a boca do homem. O segundo caso, (9), mostra uma mudança de estado sofrida pelo menino, que estava vivo e, em seguida, está morto.

O papel temático tema⁸ designa o participante do evento que não é afetado nem efetuada pela ação verbal, mas faz parte da moldura do verbo. Quando o verbo é de ação (tipo 1), o tema foi classificado como “A” (10). Quando o verbo é de processo, o papel temático foi classificado como tema “B” (11).

(10) fomos em torno de trinta jovens ... mais ou menos ... e de última hora **a gente** também **conseguiu uma casa** ... e grande né ... que deu pra acomodar todo mundo (*Corpus D&G, Fala, p. 72*).

(11) o Brasil ele ... **ele enfrenta uma transformação muito grande** agora ... vem enfrentando ... agora vai tá piorando e a gente vê aí os brasileiros ... os nordestinos ... os sertanejos ... ninguém abre os olhos (*Corpus D&G, Fala, p. 85*).

⁸ O termo *tema* pode ser definido na literatura como “a entidade deslocada por uma ação” (CANÇADO, 2005, p. 113). Entretanto, consideramos *paciente* o participante que sofre mudança física de estado ou local, como sugere Slobin (1982, p. 411) ao tratar do evento transitivo prototípico. O papel tema, tal como utilizado aqui, pode corresponder ao papel “objetivo (ou objeto estativo)” utilizado por Cançado.

Em ambas as amostras, o OD (“uma casa” / “uma transformação muito grande”) não é afetado pela ação verbal. Entretanto, é possível observar algumas diferenças em relação às duas amostras: em (10), o verbo é classificado como ação (Tipo 1), e seu sujeito é agente; enquanto em (11), o verbo recebe a classificação de processo com sujeito paciente. Tomando por base essas diferenças, o papel tema recebeu a classificação em dois subtipos (A / B).

O papel temático estativo corresponde aos argumentos que não sofrem afetamento por parte do verbo, isso porque esse papel se relaciona a estados, e não a ações e processos. As orações cujo verbo é de estado descrevem uma propriedade ou condição de um sujeito que não é agente, nem paciente e, sim, apenas um suporte para essas propriedades ou condições, como mostram (12) e (13):

(12) essa cidadezinha:: **ela tem os pontos turísticos** que é um rio e uma cachoeira ... **possui duas pra/ pracinhas** ... uma delas é situada na parte central ... é chamada Rua da Matriz ... essa Rua da Matriz é onde os casais se encontra (*Corpus D&G, Fala, p. 80*).

(13) **Temos** ali, bem no meio daquelas dunas, não somente **um parque verde com vegetação de encostas**, mas também Ø [temos] **um dos maiores lençóis freáticos do perímetro urbano** (*Corpus D&G, Escrita, p. 168*).

Em (12) os OD (“os pontos turísticos” / “duas pracinhas”) indicam uma propriedade da cidade descrita. Os objetos diretos de (13) (“um parque verde com vegetação de encostas” / “um dos maiores lençóis freáticos do perímetro urbano”) da mesma maneira cumprem igual função.

Estímulo corresponde ao papel temático de participantes relacionados à atividades mentais, isto é, representa uma entidade que estimula um sentir ou perceber, e geralmente está associado aos verbos de ação (tipo 2), como mostra (14).

(14) Deus quer que você realmente busque ... busque nele tudo aquilo que você precisa ... não precisa você se sacrificar para isso ... e você para agradecer basta **você reconhecê-lo** como tal ... isso que pra mim é religião (*Corpus D&G, Fala, p. 66*).

No excerto acima, o informante expõe sua opinião sobre religião e explica que para agradecer a Deus é necessário que se pratique a ação de “reconhecer”. Esse verbo denota uma atividade mental cujo OD (“-lo”) desempenha o papel de estímulo da ação de reconhecer.

Como o afetamento do OD é parâmetro para a definição do evento transitivo canônico, orações cujo OD não sofre afetamento parecem ser apreendidas mais tarde pelas crianças, conforme Slobin (1982, p. 415) explica: “no aprendizado de uma língua, a criança estende a categoria de evento transitivo prototípico para incluir eventos de baixa transitividade até que a noção de transitividade esteja completamente gramaticalizada”. Givón (2001) corrobora a ideia de Slobin e mostra que alguns verbos que se afastam semanticamente do sentido prototípico da transitividade são codificados sintaticamente pelo falante como um verbo transitivo prototípico porque suas propriedades são interpretadas como sendo semelhantes ao protótipo, através de uma extensão que parte do paciente afetado/efetuado para aquele que não é afetado.

Em outras palavras, de um ponto de vista semântico, os papéis desempenhados pelo OD correspondem a um contínuo de prototipicidade, no qual em um extremo está o elemento que é afetado ou efetuado pela ação verbal, isto é, o paciente. Os demais papéis se distribuem no contínuo à medida que a oração se distancia do evento transitivo canônico.

No domínio da pragmática, o *status* informacional diz respeito à pragmática da comunicação. Nas palavras de Neves (1997, p. 37), “a forma que os argumentos tomam se relaciona com a codificação nova ou velha”. Dito de outro modo, o *status* informacional está atrelado ao modo como o usuário da língua empacota o conteúdo da mensagem.

Na análise do *corpus*, os referentes foram classificados em quatro tipos: novo, dado, disponível e inferível, conforme a Tab.4 abaixo:

Tab.4 – Distribuição do *status* informacional do OD

| Status informacional do OD | Fala | Escrita | Total |
|-----------------------------------|-------------|----------------|--------------|
| Novo | 580 (66%) | 173 (72,3%) | 753 (67,2%) |
| Dado | 185 (21%) | 34 (14,2%) | 219 (19,5%) |
| Disponível | 67 (7,6%) | 25 (10,5%) | 92 (8,3%) |
| Inferível | 48 (5,4%) | 7 (3%) | 55 (5%) |
| Total | 880 (100%) | 239 (100%) | 1.119 (100%) |

O referente novo, isto é, aquele que introduz uma informação no discurso, teve maior frequência na modalidade falada (66%) e na modalidade escrita (72,3%), totalizando 753 (67,2%) ocorrências. (15) mostra um caso de OD cujo referente exhibe esse *status*:

(15) eu acabei comprando um ... uma máscara do Bart Simpson pra o garoto ... é ... e uma da que eu acho o desenho mais inteligente da TV no momento (*Corpus D&G*, Fala, p. 155).

No caso acima, o referente (“uma máscara do Bart Simpson”) é mencionado pela primeira vez no discurso. Note-se o uso do artigo indefinido para introduzi-lo. Görski (1985 apud FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003, p. 47) argumenta que “os referentes novos são geralmente introduzidos por meio de SN indefinidos, morfologicamente marcados (com artigo indefinido) ou não”.

Quando não são novos, os referentes são codificados de acordo com o conhecimento que o falante compartilha ou supõe que compartilha com o seu interlocutor. Assim, das amostras analisadas, 219 (19,5%) ocorrências correspondem a referentes dados, ou seja, aqueles já mencionados no texto (referente textualmente dado), como em (16):

(16) mais na frente encontramos **uma árvore** com a raiz toda exposta ... uma árvore imensa ... inclusive eu te presenteei ... né ... com aquela fotografia? [...]... então **registramos** também **essa árvore** (*Corpus D&G, Fala, p. 120-121*).

Em (16) o referente “uma árvore” é novo e, em seguida, é retomado anaforicamente por um SN (“essa árvore”) que é classificado como dado, pois já foi mencionado anteriormente.

De acordo com o *corpus* sob análise, os referentes dados não são tão frequentes quanto os novos, seja na fala (21% dos casos), ou na escrita (14,2% dos casos). Esse resultado confirma a tendência de o OD portar a informação nova, conforme evidencia Du Bois (2003).

O OD classificado como disponível é aquele relacionado a um referente único que está previsto na cena evocada pelo evento comunicativo. De acordo com Görski (1985 apud FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003, p. 48) “os SNs novos no discurso, porém disponíveis no universo espacial ou cultural do ouvinte são representados por SNs definidos” (sic). Essa tendência pode ser corroborada a partir da amostra a seguir (17):

(17) **eu vou descrever a ... a UNIPEC** né ... onde eu passo o dia todo em casa e eu ... o melhor lugar que eu acho pra ... o melhor lugar que eu passo durante o dia (*Corpus D&G, Fala, p. 35*).

O referente (“a UNIPEC” – faculdade da rede privada na cidade do Natal) é único e definido no universo dos interlocutores. O referente carrega uma marca gramatical de definitude fornecida pelo artigo. Esse tipo de referente é, pois, classificado como disponível.

Inferível é o referente identificado através de um processo de inferência, no qual o usuário da língua faz a referência por meio de informações prévias. Dos dados analisados, 55 (5%) ocorrências correspondem a esse tipo de *status* informacional, como exemplifica a amostra em (18):

(18) a culpa não está no... no ... na comissão técnica ... no ... do futebol apresentado pelo ... no Brasil atualmente né ...eu acho que vem de ... vem de cima né... se num houvesse essa politicagem toda né ... que há né ... em torno do ... do futebol ... se **cada um** num ... num **tivesse seu ... seu jogador** na ... na cabeça (*Corpus D&G, Escrita, p. 44*).

Em (18) o informante opina acerca da seleção brasileira de futebol e faz uso do referente (“seu jogador”) pela primeira vez; entretanto, o usuário da língua não tem dificuldades em rastrear esse referente uma vez que uma seleção de futebol implica a presença de jogadores.

Como mostrado até aqui, pragmática, semântica e sintaxe são domínios linguísticos imbricados e por isso interagem na oração. As relações gramaticais, os papéis temáticos e o *status* informacional são produtos da simbiose entre esses domínios linguísticos, e por isso são tomados em conjunto neste trabalho.

5 O objeto direto prototípico

O modelo dos protótipos explica que as entidades são categorizadas com base em seus atributos, mais centrais ou periféricos, não a partir de um contraste binário. Nesse sentido, Taylor (2003) mostra que o que diferencia uma xícara de uma bacia ou de um vaso é um conjunto de atributos que eles compartilham ou não, ou ainda, o quão distante esses atributos estão uns dos outros. Essas três entidades se diferenciam em termos de tamanho, forma, material, como também podem se distinguir em termos de uso (para que servem e o modo como as pessoas as manuseiam).

O autor explica que há alguns atributos que são comuns a todas as xícaras, ou à maioria delas, os quais nos permitem distinguir entre o que é uma xícara ou não. Por exemplo, nas sociedades ocidentais, é comum essa entidade possuir os seguintes atributos: ter alça, ser de porcelana, vir junto com um pires, ter tamanho e forma específicos, ser usada para tomar chá ou café e ser vendida em conjunto de seis. Assim, um recipiente de plástico, sem alça ou pires, pode ser usado para tomar café e ainda ser uma xícara, mas não é um exemplar típico dela.

Nessa linha, as categorias linguísticas podem ser distribuídas em um contínuo, de maneira que diversos membros possam ser agrupados numa mesma categoria, na qual, em um extremo, encontra-se o membro mais prototípico, e no outro, o membro que exibe os traços mais periféricos.

Taylor (2003), evocando Rosch (1975), afirma que alguns membros de uma categoria, considerados protótipos, alcançam esse *status* por serem mais frequentes. Por exemplo, entidades como “cadeira” e “mesa” são mais frequentemente categorizadas como “móvel”, em relação a entidades como “espelho” e “relógio de parede”, que não têm a mesma frequência. Entretanto a frequência não é um fator categórico, é apenas um “‘sintoma’ de prototypicalidade, mas não a causa” (p. 56).

A abordagem da gramática tradicional prevê as categorias linguísticas como estanques, isto é, possuidoras dos mesmos traços categóricos. Ao contrário desse ponto de vista, a linguística funcional afirma que as categorias linguísticas não são discretas, mas distribuem-se num contínuo (GIVÓN, 1995; FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA; 2003).

Os dados analisados aqui mostram que a categoria OD é flexível, conforme preconiza a linguística funcional, de modo que ela se manifesta no discurso sob formas variadas.

No *corpus* analisado, a relação gramatical OD apresenta uma gradação podendo ser disposta em um contínuo no qual numa das extremidades está o objeto que possui os atributos mais salientes e mais frequentes. Esses atributos são definidos em termos dos domínios linguísticos:

- (a) do ponto de vista morfológico e sintático: o OD é codificado preferencialmente como SN lexical alinhado à direita do verbo.
- (b) do ponto de vista semântico: o OD é afetado ou efetuado pela ação verbal, isto é, seu papel temático corresponde ao de paciente da ação.
- (c) do ponto de vista pragmático: é o termo que introduz uma informação nova no discurso, ou seja, é o foco da oração.

As propriedades descritas acima são parâmetros para a identificação do protótipo do OD, de tal modo que aqueles elementos que não compartilham esses atributos, mas outros, distribuem-se no contínuo de prototipicidade. Cabe salientar, ainda, que esses atributos podem não coincidir, pois um objeto pode ser codificado por um SN pronominal (em termos gramaticais), mas desempenhar o papel de paciente (do ponto de vista da semântica), e não ser foco (do ponto de vista pragmático), entre outras variações. Os casos abaixo ratificam algumas dessas variações.

(19) Quando foi à noite o homem estava em casa, quando o gato apareceu todo sujo e com miado esquisito, muito agressivo, e querendo agredir o homem, ele **pegou um cano e assustou o gato**. (*Corpus D&G, Escrita, p. 46*).

(20) aquela fotografia ... que nós batizamo-na de tronco de São Sebastião ... porque ali o tronco ... parecia que ele tinha sido esculpido ali sobre a duna ... o tronco na altura de dois metros ... dois e vinte ... e ele **tinha uma beleza** ... um assim ... indescritível (*Corpus D&G, Fala, p. 120*).

A amostra em (19) contém um OD (“um cano”) com características prototípicas, pois, sintaticamente, o elemento é um SN lexical alinhado à direita do verbo; semanticamente, é o paciente da ação verbal na medida em que sofre uma mudança física (localização); pragmaticamente, é o foco da oração. Na mesma amostra, há um caso de OD (“o gato”) que, no domínio da pragmática, se afasta do exemplar prototípico, uma vez que não é uma informação nova, mas dada do contexto linguístico.

Na amostra em (20), é possível observar outro OD (“uma beleza”) que se afasta do exemplar prototípico, pois não compartilha o atributo relacionado ao papel temático paciente uma vez que não sofre nenhum afetamento. Além disso, o verbo “tem” designa um estado; assim, “uma beleza” corresponde ao papel estativo, distanciando-se, dessa maneira, do protótipo.

Desse modo, a noção de prototipia não deve ser tomada a partir de um único domínio linguístico, uma vez que no uso efetivo da língua, gramática, semântica e pragmática não estão dissociadas.

6 Considerações finais

Este trabalho investigou as manifestações discursivas da relação gramatical OD à luz dos pressupostos teóricos da linguística funcional que toma a língua como uma entidade viva, produto da interação comunicativa entre falantes engajados em contextos sociocomunicativos.

Na gramática tradicional, a categoria gramatical OD é tratada em termos sintático-semânticos como estaque: o elemento é visto como complemento sem preposição de um verbo transitivo. Esse tratamento é insuficiente, uma vez que pesquisas linguísticas baseadas em *corpora*, como a presente, mostram que esse elemento se manifesta no uso da língua de modos distintos.

A análise comprovou que o OD prototípico conjuga os seguintes atributos: no domínio da pragmática, é uma informação nova; no domínio da semântica é paciente; no domínio da sintaxe é codificado como SN pleno alinhado à direita do verbo. Essa manifestação discursiva corrobora as restrições de estrutura argumental preferida (DU BOIS, 2003), na qual, do ponto de vista pragmático, a oração tende a selecionar apenas um termo portador de informação nova (foco) que, preferencialmente, é codificado sintaticamente como objeto. Essas restrições podem ser explicadas em termos do princípio de iconicidade, na forma do subprincípio de quantidade da informação (maior quantidade de informação demanda maior quantidade de forma): uma informação nova e, portanto, não esperada, demanda maior quantidade de material gramatical (“meu irmão fez **um bolo de batata**”), daí a preferência pela codificação do objeto como SN lexical. Pode-se dizer que o OD que reúne essas propriedades é menos marcado em relação aos demais. Além disso, a distribuição do OD na escala de prototipicidade é um fenômeno fluido que ocorre em termos de grau.

Referências

- BORBA, Francisco. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- CHAFE, William. *Significado e estrutura lingüística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- COMRIE, Bernard. *Language universals and linguistic typology*. 2ª edição. Chicago: Universidade de Chicago, 1989.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DIXON, Robert M. W. *A new approach to English Grammar, on Semantic principles*. New York: Oxford, 1992.
- DU BOIS, J.W. Argument structure. grammar in use. In: DU BOIS et al. *Preferred argument structure: grammar as architecture for function*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- FILLMORE, Charles. The case for case. In: BACH, E.; HARMS, R. (Orgs). *Universals in linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.
- _____. Topics in lexical semantics. In: R. COLE. (Ed). *Current issues in linguistic theory*. Bloomington: Indiana University Press, 1977.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Org.). *Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

_____. Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto. *Gragoatá*, n. 21, 2006.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela. R. de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (orgs). *Linguística funcional – teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SOUZA, Maria Medianeira. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

_____. *Syntax*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, v. 56, 1980.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROSCH, Eleanor. Cognitive reference points. *Cognitive Psychology*, v. 7, 1975.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos, 1971, 7ª ed .

SLOBIN, Dan. I. The origins of grammatical encoding of events. In: HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. (Eds.). *Syntax and semantics* v. 15 (Studies in transitivity). New York, Academic Press, 1982.

TAYLOR, John. R. *Linguistic categorization*. New York: Oxford University Press, 2003.

THOMPSON, Sandra. A.; HOPPER, Paul. Transitivity, clause structure, and argument structure: evidence from conversation. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

TRASK, Robert. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

Recebido em: 14/11/2010

Aceito em: 10/04/2011

Contato: nedjalucena@yahoo.com.br